



## **Boletim do 14º Encontro Nacional das Associações e Grupos de Apoio à Adoção**

### **Nº 14**

Durante o 14º ENAPA, está programada uma oficina para o sábado, com o tema: *"Jovens na adoção: o que eles têm a nos dizer?"*. Desta oficina sairá a atividade de encerramento dos debates do domingo, nos aquecendo para o dia seguinte, quando estaremos comemorando o "Dia Nacional da Adoção". Nada melhor que isso, ao nos aquecermos com esses jovens, que um dia foram as crianças sonhadas por uma família, e tendo em mente as crianças e adolescentes que ainda esperam uma família e são a razão de ser dos GAAs.

Pensando bem, podemos começar esse aquecimento desde agora, recuperando o belo texto do Paulo Sérgio, nosso amigo e companheiro da Comissão Organizadora do 14º ENAPA.

Boa leitura para aquecer corações e mentes.

Vera Lucia Cardoso  
Fernando freire

## *Filhos Adotivos*

**Paulo Sergio Pereira dos Santos**

**Livro: "Abandono e Adoção II" - 1994**

A minha experiência com a adoção é rica. Estou em uma fase em que vivo uma segunda experiência em termos de adoção.

A primeira experiência foi como filho adotivo, onde o principal fator que proporcionou a mim a segurança, o equilíbrio, uma integração, foi a célula familiar. O meu ponto de vista é que a célula familiar, a instituição família, é um instrumento muito forte de integração para uma criança, seja qual for a sua condição.

Eu diria que dentro do contexto familiar, eu recebi todo o carinho, toda a compreensão, todo o envolvimento, todo o apoio, toda a proteção, como um filho natural. Considero os meus laços com a família muito mais profundos do que a simples filiação adotiva. Considero que são laços estritamente espirituais, porque a família me mostrou que acima de tudo está o amor. Assim, não tive qualquer problema.

Tem uma característica muito interessante na minha experiência. Sou negro.

E fui adotado por uma família inteiramente de brancos. Isso enriquece ainda mais a minha experiência, e me permite falar isso com muita satisfação. Isso porque em nosso mundo, principalmente, em nosso país, esse fator ainda é preponderante - o fator racial. Temos observado, nas várias experiências em que vivemos, que no Brasil ainda existe muita dificuldade de se encontrar uma relação adotiva inter-racial, num processo de equilíbrio, de segurança, tanto para as crianças adotivas quanto para os adotantes, principalmente para os adotantes.



São Paulo  
**Terra**  
adotiva

XIV Encontro Nacional  
de Associações e Grupos  
de Apoio à Adoção  
ENAPA 2009

I Encontro Latino-Americano  
de Apoio à Adoção



Tenho hoje trinta e um anos, cheguei ao meu lar, à minha família, com dois meses de idade, praticamente recém-nascido. Tive condições, na primeira e segunda infância de viver o meu processo de integração porque fui encarado nessa família como um filho, de vínculos com todos os irmãos, e com meus pais, os mais naturais, os mais seguros possíveis.

Percebemos que a família bem equilibrada, bem estruturada, que traz consigo ideais nobres, propósitos de ajuda, de troca de experiências, consegue muito bem fixar esses pontos no campo da adoção.

Hoje, passo por uma experiência ainda mais rica. Vivo agora a experiência de pai adotante. Agora, temos dois filhos no processo de adoção, um já foi concluído, e o outro em andamento.

Isso tem sido uma experiência ainda mais rica, porque o segundo filho já está na fase da adolescência, e isso para mim foi um desafio. No meu planejamento familiar eu sempre tive vontade de ter filhos adotivos, e também adotar um filho já com certa idade, que já tivesse uma experiência, a nível de abandono, a nível de dificuldades as mais variadas possíveis, nos mais variados processos, que nós conhecemos bem com as crianças abandonadas em nosso país hoje.

Essa experiência para mim tem trazido muitas respostas, bastante segurança para alcançar o objetivo que eu me propus. Muitas vezes sou interpelado sobre as dificuldades que posso ter com um adolescente em processo de adoção, com suas vivências anteriores, com os traumas do abandono, da miséria, da violência. Para mim tem sido o contrário. Tenho a felicidade de ter um garoto de 15 anos na minha casa, no meu lar, que só tem trazido surpresas em todos os níveis, na vinculação afetiva junto a mim, à minha esposa, aos meus filhos, e também no processo de integração com toda a minha família.

Então, essa experiência de pai adotivo para mim tem sido ainda mais importante. Sinto que no Brasil precisamos, e esse é o nosso



propósito, de um trabalho amplo para tentar passar aos pais, casais, pessoas dispostas a entrar num processo de adoção, essa nossa experiência.

Sentimos que muito amor pode ser distribuído, que muitas crianças podem ser adotadas, e que as verdadeiras vinculações, do processo afetivo, estão na adoção. Isso eu posso dizer por experiência viva, intensamente essa situação. A partir disso posso concluir que a nossa vontade é a de compartilhar essas experiências, transmiti-las para outras pessoas, buscando a troca de informações, a superação das dificuldades, e transformar aquilo que muitas vezes é apenas uma idéia em um objetivo realizável. Esta seria a nossa proposta.

Creio que podemos, com a experiência acumulada em nossa família, contribuir para transmitir a muitos futuros pais adotantes essa segurança. No Brasil, consideramos que ainda é preciso fazer muito para que as dificuldades sejam superadas na adoção, faltam depoimentos, falta a sistematização das experiências existentes, que seriam tão úteis a todos aqueles que pretendem adotar uma criança. Sinto que, realmente, deve ser muito difícil. Não posso dizer isso por experiência própria porque não tive essas dificuldades, mas sinto que os pais necessitam de um esclarecimento, de um apoio para chegar a um processo que permita desabrochar essa filiação maravilhosa, muito bonita, vivida na adoção, com o verdadeiro amor, a verdadeira troca que pode existir entre um pai e uma criança, entre uma mãe e uma criança. É preciso, de uma vez por todas, desvincular o afeto familiar dos laços de sangue.

Na nossa visão, os verdadeiros laços são os laços do espírito, que são os laços do amor. Os laços de sangue não devem ser, na nossa sociedade, uma bandeira que se carregue. Acredito que os laços do espírito são mais nobres e mais duradouros."